

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

## ANÁLISE TROPOLÓGICA DO TEXTO LITERÁRIO COM FOCO NO DISCURSO DE GÊNERO NOS CONTOS BERNARDIANOS

### TROPOLOGICAL ANALYSIS OF THE LITERARY TEXT FOCUSING ON THE GENDER DISCOURSE IN BERNARDIANOS TALES

Bruna Carla Martins Ramos<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo dessa comunicação é discutir através das construções ficcionais e das personagens de Bernardo Élis questões que envolvem a sociedade, problematizando os estereótipos sociais, a relação de poder e o discurso de gênero, principalmente das pessoas inseridas no sertão goiano. O corpus da investigação se pauta em dois contos: “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, integrante da obra “Caminhos e Descaminhos”, publicada em 1965; e a “A Enxada” da obra “Veranico de Janeiro”, publicada em 1966, ambas do autor goiano Bernardo Élis. Do ponto de vista científico para a pesquisa, a fundamentação teórica será sustentada por autores como Pedro Fonseca (2011); Hayden White (2014); Homi Bhabha (2005); e Paul Ricoeur (2000), entre outros. No que se refere à metodologia, esse estudo se pauta como bibliográfico, já que se utiliza de obras como os contos já mencionados, analisados e confrontados com outras obras que lhe sustentarão teoricamente a fim de que, a partir desse confronto, se compreenda a carga significativa dos tropos discursivos. Os resultados esperados com essa pesquisa são: o conhecimento das figuras de linguagem (tropos discursivos) que possibilitam depreender as relações opressoras as quais são submetidas as classes subalternas, além de compreender os estereótipos construídos historicamente em relação ao negro e à mulher. Ainda há a possibilidade de contribuir epistemologicamente às pesquisas que tenham como objetivo conhecer um pouco da obra bernardiana.

**Palavras-chave:** tropos. Bernardo Élis. literatura goiana. discurso de gênero. relação de poder.

**Abstract:** The objective of this communication is to discuss, through the fictional constructions and characters of Bernardo Élis, issues that involve society, problematizing social stereotypes, power relations and gender discourse, mainly of people living in the backlands of Goiás. The corpus of the investigation is based on two short stories: “Yesterday, as today, as tomorrow, as afterwards”, part of the work “Caminhos e Descaminhos”, published in 1965; and “A Enxada” from the work “Veranico de Janeiro”, published in 1966, both by the Goiás author Bernardo Élis. From a scientific point of view for research, the theoretical foundation will be supported

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (2010) e também em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2017). Foi aluna do Programa de Pós-graduação Lato Sensu - Docência: Interdisciplinaridade e Demandas Contemporâneas da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Itapuranga, foi admitida como aluna regular (2021) do curso de pós-graduação strictu sensu, nível mestrado, em Língua, Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, cidade de Goiás. Bolsista da FAPEG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás e participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP. Tem interesse por estudos na área da Literatura, especialmente por Literatura Goiana.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

by authors such as Pedro Fonseca (2011); Hayden White (2014); Homi Bhabha (2005); and Paul Ricoeur (2000), among others. With regard to methodology, this study is based on bibliography, as it uses works such as the short stories already mentioned, analyzed and compared with other works that will support it theoretically so that, from this comparison, the burden of significance of discursive tropes. The expected results of this research are: knowledge of figures of speech (discursive tropes) that make it possible to understand the oppressive relationships to which the subordinate classes are subjected, in addition to understanding the stereotypes historically constructed in relation to black people and women. There is still the possibility of contributing epistemologically to research that aims to learn a little about Bernard's work.

**Keywords:** tropes. Bernardo Elis. Goiás literature. gender discourse. power relationship.

## 1 Introdução

Primeiramente, cabe ressaltar que esta pesquisa está relacionada ao projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI, da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina, contemplado com bolsa de estudo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) em 2021.

O estudo pretende discutir, em dois contos bernardianos, “A Enxada” e “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, questões que (de)formam a sociedade, não somente a goiana, mas, de forma geral, os brasileiros, especificamente aqueles em situação de marginalidade, excluídos e subalternos. Assim, entre os meios e modos de exposição à marginalidade, se destacam os estereótipos construídos culturalmente por meio de discursos opressivos e machistas em relação à figura feminina e aos subalternos, neste caso representados por negros, pobres, índios e quaisquer outros que estejam submissos à vontade de quem detém o poder econômico: quem sabe resquícios do processo de colonização brasileira.

Observando tal articulação, de acordo com Bhabha (2005, p. 179), “o corpo se encontra sempre e simultaneamente inscrito na economia do prazer e do desejo quanto na do discurso, da dominação e do poder”. Na linha dessas ideias, o que se pretende examinar são certas estratégias retóricas e discursivas, presentes nas narrativas ficcionais de textos literários, aparentemente salvaguardadas pelo caráter figurativo, mas que promovem uma complexa interação entre

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

pensamento, palavra e ação por meio de estereótipos construídos culturalmente durante o processo histórico de um grupo social. Em outras palavras, certos tropos<sup>2</sup> que atestam essa situação subumana em que as personagens estão inseridas e que as tornam vítimas de uma mentalidade ideologicamente legitimizada pelo *logus* dominador, neste caso representadas pelas vivências no sertão goiano.

Nesse viés, as personagens ficcionais, dos contos citados acima, Supriano e Put-kôe evidenciam, na narrativa, marcas opressoras presentes no discurso do sujeito que (des)classifica o ser, percebidas através da análise tropológica, o que será feito a partir de confronto analítico entre as personagens e teóricos relacionados ao assunto pretendido.

## **2 Tropos discursivos: poder e gênero**

Em relação ao processo de colonização brasileira, é importante destacar a visão conquistadora e colonizadora em termos de discurso de gênero para que se entendam certos comportamentos tidos como opressores no percurso histórico-cultural brasileiro. Pedro Fonseca (2011, p. 203), no capítulo intitulado “Tropologias da conquista da natureza feminina americana”, explica que na história da cultura ocidental, simbólica e imaginariamente, “toda conquista e dominação masculinizou (fortaleceu) a energia do vencedor e feminizou (fragilizou) a fraqueza do conquistado”. Sendo assim, a imagem simbólica do feminino marcada pela fragilidade, independentemente se há referência ao gênero feminino ou masculino, está associada à vulnerabilidade e à debilidade do conquistado, o que pode ser uma representação das classes subalternas de uma sociedade submissa a um discurso dominante e, principalmente, europeizado.

---

<sup>2</sup> Du Marsais (1757) citado por Kern (2011, p. 360) define que: Os Tropos são figuras [de linguagem] pelas quais se faz com que uma palavra assuma uma significação que não é precisamente a significação própria dessa palavra. [...]. Essas figuras são chamadas de tropos, do grego tropé, conversio, cuja raiz é trépo, verto, eu viro. Elas são assim chamadas porque quando tomamos uma palavra no sentido figurado, nós a torcemos a fim de fazê-la significar o que de modo algum significaria no sentido próprio.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Diante do exposto, refletir a respeito das construções discursivas como fator determinante na (des)construção do indivíduo – por meio de uma caráter opressor e dominador – permite considerar a linguagem como portadora da identidade social e materialização da realidade, pois “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade.”, (BAKHTIN, 2006, p. 33). Assim, a linguagem reflete a atividade histórico-social do homem em relação ao meio, e é impregnada de sentidos ideológicos, uma vez que uma palavra, frase ou expressão pode ser utilizada como recurso para (de)marcar/(de)limitar o homem tanto positivamente quanto negativamente. Dessa maneira, a palavra e as suas múltiplas facetas significativas acabam sendo utilizadas como recurso (des)classificatório/(dis)criminatorio em relação ao ser, o que estabelece a criação de estereótipos sociais.

Se levarmos em consideração a noção de estereótipo, discutido por Bhabha (2013), se entende que, mais uma vez, está associada ao discurso colonial, tendo por base o conceito de “fixidez”.

Um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial do discurso do colonizador, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido ...[...] (BHABHA, 2013, p. 117)

O conceito de fixidez, no discurso colonial, se apresenta como “signo da diferença”, em que se estabelece conceitos ideológicos de forma fixa/rígida e de “ordem imutável” sobre determinados grupos sociais, como maneira (des)classificatória. Logo, se entende que o conceito de fixação ideológica, presente no discurso do colonizador, é ratificado na composição dos estereótipos.

Dessa forma, se entende que as expressões depreciativas e discriminatórias visam rebaixar os sujeitos, “na tentativa de classificar esses tipos sociais como inferiores, atitudes que podem ser associadas também ao discurso do colonizador com o objetivo de mostrar que o colonizado é um tipo

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

degenerado, principalmente com base em sua origem racial, como uma maneira de justificar a dominação”, (BHABHA, 2013).

Deste modo, a definição sobre os estereótipos está diretamente ligada à representação imagética ontológica relacionada à produção linguístico-discursiva, estabelecidos convencionalmente por ideologias de um grupo dominante, em que se cria uma imagem de uma palavra ou expressão que, no caso dos estereótipos, pode ser distorcida, associada a um tipo social. Assim,

[...] os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas – contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história. Embora possam variar em termos de virulência e apelo emocional, geralmente expressam tensões e conflitos sociais subjacentes - o “português boçal”; “o irlandês rude”; “o oriental dissimulado”; “o argentino esnobe”; “o imigrante arruaceiro”; “o índio preguiçoso”; “o jovem rebelde sem causa”; “a mulher latina amoral e quente”; “o negro de índole escrava, humilde e resignado”; “o suburbano farofeiro”; “o homossexual erotomaniaco”; “o artista afeminado”; “o intelectual frankfurtiano elitista e carrancudo”... etc. (FREIRE FILHO, 2005, p. 22)

De acordo com o excerto, se observa que os estereótipos não se pautam somente na categorização dos grupos ou tipos sociais, vão além disso, criam um padrão social do ser ou um “molde” de repetição. Essa padronização social estabelecida por uma classe de indivíduos dentro da sociedade passa a ser a representação de determinados tipos sociais, como a mulher, o negro, o agricultor, o idoso, entre outros. Esses padrões criados são carregados de “julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos” (FREIRE FILHO, 2005, p. 22), sobre o comportamento humano ou dos grupos que supostamente são classificados.

Dessa maneira, os estereótipos passam a representar um juízo de valor em relação ao outro, esse conceito valorativo passa a ser disseminado e reproduzido pela sociedade de forma que se tornam frases corriqueiras do dia a dia, mas carregadas, muitas vezes, de valor depreciativo. Certos estereótipos se tornam “virais” em uma dada sociedade, pois são (re)produzidos tantas vezes que passam a ser vistos como um jargão ou uma piada de “mau gosto”, se tornando algo banal ou de senso

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

comum. No entanto, implicitamente ou explicitamente os estereótipos “expressam tensões e conflitos sociais subjacentes” (FREIRE FILHO, 2005, p. 22), em que se pode evidenciar os conflitos de gênero, os embates raciais e econômicos. Dessa maneira, uma palavra, uma frase ou expressão emana mais significação do que se pode depreender, além de expressar os múltiplos experimentos humanos, carregando, de acordo com Ricouer (2005), “a pluralidade dos sujeitos da experiência”, ou seja, as palavras estão impregnadas de identidades e vivências. Sendo assim, o ato comunicativo em seu processo linguístico tem a possibilidade tanto de (re)formar quanto (de)formar, ideologicamente e conforme o interesse dominante, aqueles que fazem parte do círculo social, mais ainda quando se encontram outros que estão à parte deste círculo.

Toda essa discussão em volta do processo de colonização demonstra que a linguagem é um dos fatores preponderantes para a dominação ideológica do outro. Uma dominação tão intensa que, mesmo tendo se passado mais de 500 anos, há ainda uma submissão cultural com relação ao homem/branco/europeu/cristão que resultou na criação de vários estereótipos sociais, principalmente a respeito da relação de poder, que pode ser notado a partir da discussão dos contos de Bernardo Élis.

No conto, “A Enxada”, se percebe que o estilo narrativo-ficcional, por meio dos recursos linguísticos e seus desvios, intensifica a subserviência de Supriano ao coronel Elpídio, além de evidenciar a relação de poder e os estereótipos sociais. Por meio dos tropos do discurso, se percebe que frases e expressões têm uma conotação pejorativa e desclassificatória do personagem Supriano em quase todas as falas do coronel, que podem ser evidenciadas no seguinte excerto:

- Rã-rã! Num falei procê que brincadeira com homem **fede a defunto!** - proclamou ele de riba das esporonas sempre retinintes nos cachorros de ferro.
- Fome, incompreensão, cansaço, dores nas munhecas que o sedenho cortou fundo, ardume das lapadas de sabre no lombo, revolta inútil, temor de tantas ameaças e nenhum vislumbre de socorro – tramelaram a boca de Piano. Só Elpídio continuava forte como um governo.
- Agora, **negro fujão**, é pegar o caminho da roça e plantar o arroz. Santa Luzia tá ai. (ÉLIS, 2015, p. 67, grifos nossos)

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Dois termos se destacam: “fede a defunto” e “negro fujão”. Para entender o contexto que caracteriza a fala, cabe situar as personagens envolvidas: Supriano e Seu Elpídio. Supriano é um homem negro, pobre, agregado e trabalhador rural. Já seu Seu Elpídio é um homem abastado, latifundiário e influente politicamente na região em que mora. Retomando o contexto narrativo, Supriano está à procura de uma enxada, ferramenta de trabalho, quando é abordado e preso por quase três dias. No último dia de sua prisão, é conduzido à presença do Seu Elpídio, com quem tinha um trato a cumprir e, por isso, estava à procura de uma enxada. Na situação descrita, Seu Elpídio ameaça Supriano com a expressão “fede a defunto”.

Ao analisar a fala, pelo aspecto tropológico, é cabível notar que além de uma nítida ameaça por parte de um “Senhor” dominante, detentor de poder e, exclusivamente, “HOMEM”, que relaciona o ato de “brincar” – uma atitude infantil – “com quem não deve” ao odor de defunto. Nesse jogo com as palavras, por meio da quebra semântica, metaforicamente há um discurso provocador aos sentidos, em que ironicamente o cheiro já seria o prenúncio fúnebre de Supriano. Nesse ambiente, que exala cheiro de defunto, permite-se vislumbrar a relação de poder exercida por Seu Elpídio, especialmente por ocupar a posição de mandatário do serviço e por ser um homem rico e influente.

Ainda sobre o trecho destacado do conto “A Enxada”, a expressão “negro fujão” substitui o nome da personagem por sua cor, tal situação ocorre várias vezes ao longo do conto. Utilizando o recurso tropológico, é possível associá-lo à metonímia, visto que a cor passa a caracterizar a personagem como um todo. Além de se utilizar da caracterização “negro”, a junção ao adjetivo “fujão” dá ainda mais destaque à expressão, a partir da qual, a fala de Seu Elpídio representa mais ênfase ao poder que lhe é deliberado, o que estereotipa e negligencia Supriano em sua condição de ser humano. A expressão, de forma geral, acarreta uma carga ideológica que coloca Supriano na posição de servidão, como se já houvesse nascido para tal intento e Seu Elpídio, seu dono e senhor.

Assim, todo o conto é marcado pela opressão do mais forte sobre o mais fraco: - “nego à toa”, “negro fujão”-<sup>3</sup>. Então, se depreende que a construção narrativa do conto abre precedente para que se

---

<sup>3</sup> Élis (2015);

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

percebam os estereótipos sociais explícitos pela linguagem discursiva na fala das personagens, principalmente com relação ao negro com baixo poder aquisitivo.

Outro conto em que se pode perceber a estereotipação do ser por meio das construções discursivas é: “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, também de Bernardo Élis. Uma narrativa que permite observar os estereótipos de gênero em que a mulher é explorada pelas figuras masculinas: inicialmente pelo pai e o vendeiro e depois pelo “marido”. Além do estereótipo que reforça essa relação de poder entre os gêneros, há também uma representação do paradigma colonial, já que faz referência à aculturação e à submissão indígena pela cultura do colonizador, pois além de a personagem Put-kôe ser mulher é também indígena.

Ainda sobre o conto, se nota que é todo marcado por desvios da linguagem intensificadores dos estereótipos com relação à mulher indígena, retratada na narrativa como preguiçosa, objeto sexual ou como um animal que precisa ser adestrado, uma selvagem, o que pode ser perceptível no seguinte trecho:

– Então, vamos ver. Pés juntos, assim. Mão direita aqui na frente direita ... ai, ai, ai, assim não, **trem burro!** O cotovelo mais junto do corpo...E cabo Sulivero tomava dos braços na índia, chegava para lá, chegava para cá, fazia-a desempenar o busto, apontando para a frente os dois peitinhos imitando duas peras. Tão diferente dos peitos redondos das brancas! (ÉLIS, 2015, p. 50, grifo nosso)

O termo em destaque, “trem burro”, possibilita adentrar na discussão. Para compreender melhor o contexto da fala da personagem, aqui no caso do cabo Sulivero, cabe ressaltar que a cena se passa na casa do cabo e da índia Put-kôe. O cabo havia acabado de chegar do garimpo e, como de costume, ensinava a índia a bater continência para ele. Nesse ambiente fictício, se nota de forma explícita a tentativa de domar/domesticar/submeter a índia aos desejos do cabo, englobando também os sexuais.

Ainda refletindo sobre a expressão usada pelo cabo, “trem burro”, é possível transcender sua significação literal para o sentido conotativo/figurado, em que a fala proferida significa mais que uma

## **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



***07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022***

simples ofensa. Seguindo essa linha de raciocínio, é relevante considerar os tropos que a grosso modo consistem na noção de desvio ou ruptura de sentido de um vocábulo. Ao se basear nessa noção de desvio semântico, é possível perceber que o cabo Sulivero, além de tentar exercer uma postura autoritária, também compara a índia pejorativamente a um burro. A comparação depreciativa acrescenta ao discurso questionamentos que vão além da palavra, visto que a personagem indígena está inserida em um contexto social que lhe hostiliza e lhe coloca em posição de servidão, submissão menosprezo e inferioridade

“O estudo tropológico possibilita perceber sentidos implícitos no discurso” (WHITE, 2014), principalmente compreender os estereótipos sociais. No caso da personagem se depreende, ideologicamente, o conceito fixado com relação à cultura indígena, principalmente referente à questão que se volta para a colonização. Segundo Fonseca (2011) “abre precedentes para que se perceba a visão do colonizador europeu sobre a necessidade de implantação da consciência e do raciocínio humano sobre os colonizados.” Dá a entender que o índio não possuía tais características, logo, ele é pejorativamente rotulado como um ser com capacidade cognitiva reduzida a ponto de não haver certo discernimento do ponto de vista racional. Nesse cenário, se fixa um conceito preconcebido do índio, que pode ser associado ao discurso ofensivo do cabo Sulivero a Put-kôe, principalmente por usar a expressão comparativa “trem burro”. Portanto, a imagem que se tem do índio, aqui representada por uma personagem de ficção, representa o caráter ideológico dominante do colonizador, em todos os sentidos, a ponto de inferiorizar a capacidade cognitiva do indígena, e a ele se impõe a condição de servilismo, uma determinação do colonizador sobre o colonizado.

Há em cada um dos contos apresentados uma relação de poder em que se demonstra a imposição do dominador marcada pela expressividade discursiva sobre o dominado. Nesse viés, é perceptível, por meio do discurso apresentado nos textos literários, identificar os estigmas sociais que estereotipam o ser, pois é através dos arranjos discursivos que os tropos se apresentam. Concomitante a isso, uma de suas possibilidades é identificar os rótulos sociais na narrativa ficcional. Além disso,

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

[...] é sempre não apenas um desvio *de* sentido possível, próprio, mas também um desvio *em direção* a um outro sentido, a uma concepção ou ideal do que é correto e próprio e *verdadeiro* “em realidade”. Assim considerado, o emprego de tropos é ao mesmo tempo um movimento de *vai de* uma noção do modo como as coisas estão relacionadas *para* outra noção, e uma conexão entre coisas de modo tal que possam ser expressas numa linguagem que leve em conta a possibilidade de serem expressas de outra forma. [...] (WHITE, 2014, p.15)

Considerando a fala de White (2014), chama atenção que os tropos vão além, e muito, do que ele chama de “desvio de sentido próprio”, ao possibilitar a expressividade da linguagem de uma outra forma, de modo que a realidade possa, pelo menos, ser entendida como verdadeira, o que a narrativa literária pode fazer com maestria. Devido a essa capacidade da linguagem em se metamorfosear, o texto literário passa a estar sujeito à resignificação, seja através dos tempos ou por meio de múltiplas interpretações de um mesmo leitor. Compreende-se que “[...] uma obra é ‘eterna’ não porque ela impõe um sentido único a homens diferentes, mas porque ela sugere sentidos diferentes a um homem único, que fala sempre a mesma língua simbólica através dos tempos múltiplos: a obra propõe, o homem dispõe.” (BARTHES, 2003, p. 213).

Portanto, diante de tudo que foi exposto, nota-se que a literatura abre precedente para problematizar questões que cercam a sociedade, tanto goiana quanto brasileira, por meio de personagens como Supriano e Put-kôe, cuja feição verossímil possibilita ao leitor refletir sobre processos colonialistas ainda presentes na sociedade atual e os anseios humanos. Assim, nos dois contos investigados é possível notar essa associação das personagens, Supriano e Put-kôe, com a imagem do feminino, ambas figuras subalternas e à mercê do dominador/conquistador. Desse modo, por meio dos tropos é possível compreender essa prerrogativa cultural que estereotipa a imagem do dominado como eminentemente feminina.

### 3 Considerações finais

Com relação às considerações finais, pode-se dizer que os contos bernardianos possibilitam perceber a presença do discurso colonialista como tentativa de oprimir as classes subalternas. Um

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

discurso enraizado socialmente, principalmente pelos aspectos patriarcalistas. Dessa maneira, o texto do escritor goiano oferece condições ao leitor de refletir e indagar preceitos que regem a sociedade, tanto na relação de poder que rotula, fragiliza e inferioriza as personagens subalternas e a figura do feminino.

Com relação aos tropos discursivos, é plausível perceber, no discurso literário, as rupturas semânticas propiciadas pela capacidade da palavra em adquirir outras significações, e consequentemente permite refletir sobre outras possibilidades interpretativas do texto, em que se evidenciam falas pejorativas e preconceituosas relacionadas aos tipos sociais, no caso dos contos abordados: a mulher, o negro e o índio. Nesse sentido, além de ressaltar as marcas de opressão nos contos e os estereótipos, o estudo abre precedente para questionar a (des)construção discursiva que garante a dominação e a superioridade sobre o outro.

Por fim, a obra de Bernardo Élis, além de ser uma provocação ao leitor, o convida também a adentrar no texto, lhe oportunizando (re)questionar a formação ideológica identitária da mulher, do negro, do índio e todos que se encontram em situação subalterna na sociedade patriarcalista. E, ainda, contextualizar as narrativas ficcionais em que se permite desvelar situações vivenciadas em sociedade por muitos Suprianos e Put-kões.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2006

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ÉLIS, B. **Melhores Contos Bernardo Élis**. (seleção de Gilberto Mendonça Telles). 4. ed. São Paulo: Globo, 2015.

FONSECA, P. C. L. **Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil**. Bauru, SP: Edusc, 2011.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 18, p. 18-29, dez. 2005.

KERN, D.P. M. **Breve História de Tropologia Literária**: Os tropos principais e os chicagoans. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/26.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

RICOEUR, P. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

WHITE, H. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.